



ANO I — Novembro de 1968 — N.º 6 — Director: Pároco de Esposende - Portugal — Telef. 89291

COMPOSTO E IMPRESSO NA
Gráf. Editora do Cávado - Esposende

A romagem aos Cemitérios nos primeiros dias de Novembro constitui uma poderosa manifestação de saudade e de esperança — expressa nas orações, nas lágrimas e nas flores com que milhares de pessoas cobrem as sepulturas dos entes queridos que repousam na mão de Deus.

Os templos enchem-se de fiéis, desde as majestosas igrejas, amplas e dilatadas, às modestas capelinhas, em cujos altares se celebram missas de

Romagem de Saudade e Esperança

sufrágio, com milhares de comunhões: São dias tristes e dias de saudade, mas são também dias de larga generosidade cristã, pelas orações e obras de caridade com que tantos vivos pretendem sufragar as almas dos que partiram para a Eternidade,

Morreram? Sim! mas a morte foi vencida pela Ressurreição de Cristo. A morte é uma passagem, uma mudança de posição — «vita muttatur, non tollitur»: a vida muda, não se destrói.

Os corpos repousam no cemitério (palavra que significa dormitório), a alma, porque é imortal, continua a viver no céu, no purgatório, ou no inferno.

Na nossa romagem ao cemitério meditemos na vida do Além e meditemos na caducidade das

coisas terrenas, na ilusão dos prazeres e na igualdade dos homens.

Estão ali, no cemitério, lado a lado, o que foi justo e o que foi pecador: o criminoso com suas vítimas; as virgens e as que venderam os seus corpos; o ladrão e a vítima; o sedutor e aquelas que foram imoladas à sua sede de prazeres.

Estão ali, lado a lado, guardados pelo ventre da terra, o rico que foi com grande acompanhamento a enterrar, na rica urna de mogno, e o pobre que meia dúzia de pessoas acompanharam talvez apertado nas quatro táboas de pinho de um caixão...

Todos viveram vidas diferentes; diferentes foram a enterrar, mas a morte igualou-os. São todos ossos, todos caveiras...

Enquanto vivos, a sociedade julga-os pelos seus crimes ou pelas suas virtudes. Por uns e outros os julgará também a História. Mas, o que importa garantir é o juízo de Deus. A alma será julgada logo após a morte. Se estiver despojada da graça do Senhor, sofrerá a desgraça sem paralelo da condenação eterna no inferno. Para gozar do Céu, porém, é necessário que esteja na amizade perfeita de Deus, sem a mais ligeira mancha, pois estas deverão ser purificadas no noviciado da visão do Santo dos Santos — que é o Purgatório.

Certamente que é grande o número de almas salvas através da Dor purificadora de além-túmulo. Nós podemos e devemos abreviar-lhes o sofrimento pela amnistia da esmola, do jejum, das missas, das comunhões ou de outras obras de piedade. Isso interessa ao Céu, ao Purgatório e a nós. Fazendo-o, cumprimos um dever de caridade, de piedade, ou até de justiça, e granjeamos amigos que nos recebam nas moradas eternas. Recordemos bem tudo isto!

Porque a morte não é um fim, e porque podemos continuar a fazer bem aos entes queridos que vimos partir, estes dias de finados são dias de saudade e de esperança.

Que seja no âmbito destes dois polos sentimentais, bem consagrados na presença dos ausentes, que vamos passar este mês de Novembro (o mês das Almas), fazendo diariamente, à nossa Igreja, uma romagem de saudade e de esperança.

Reunião da juventude feminina

Como único recurso para uma segura e recompensada orientação cristã da juventude feminina foi-nos legado o costume duma reunião mensal, no primeiro domingo de cada mês, para todas as

A NOSSA VIDA

raparigas da vila, desde os 14 aos 35 anos, solteiras e de qualquer profissão.

Desde a primeira hora que não votamos isto ao abandono.

A juventude preocupa-nos seriamente.

Depois da nossa última insistência foi consolador registar um aumento considerável de jovens presentes na última reunião.

Se estas merecem parabéns, outras merecem censura, porque deixaram os seus lugares vazios, apenas por comodismo, apatia ou má vontade.

Quando o doente recusa o remédio, ou não reage a ele, muito mal vão as coisas.

Restauro da residência paroquial

Encontram-se adiantadas as obras de restauro interior de toda a residência paroquial.

Reservamos para o próximo número a última palavra sobre este melhoramento.

Ficheiro paroquial

Está quase concluída a elaboração do ficheiro paroquial.

Já percorremos a maior parte das casas da vila, esperamos, num futuro muito próximo, concluir o que nos falta.

Capela do Senhor dos Aflitos

Depois do projectado alargamento estão a ser

erguidas as paredes da Capela do Senhor dos Aflitos.

Honra ao mérito

Seríamos ingratos, e até injustos, se não delixássemos aqui um louvor especial e um profundo agradecimento ao jovem Abel Garcia Cardoso, furriel miliciano, recém chegado de uma comissão de serviço militar em Angola.

Na primeira oportunidade que teve, quis, este bom amigo, apresentar-nos os seus cumprimentos, agradecer os números deste boletim que lhe foram enviados e entregar-nos o importante donativo de 50\$00 para a manutenção deste jornal.

Compreendeu que só poderemos sobreviver com gestos desta natureza.

Muito obrigado pela educação, brio e compreensão manifestadas, e que este exemplo frutifique.

Gatequese

Paralelamente ao ano escolar decorrerá mais um ano catequístico, iniciado no 2.º e 3.º domingo de Outubro.

Após aturados esforços pessoais, estou de posse de quase todos os nomes de crianças em idade de catequese - dos 6 aos 12 anos.

Durante o ano, dezasseis grupos de crianças terão a catequese na Igreja Matriz, e quatro grupos na Igreja da Misericórdia.

Adquiri uma dúzia de bancos novos para conveniente acomodação das crianças, bem como todo o material catequístico necessário.

Parece que tudo decorre bem, direis vós, mas não é verdade. As dificuldades surgem donde menos se justificam. No domingo em que se dava a primeira lição de catequese, um grupo de 14 catequistas fazia o seu compromisso solene, porém, este número não era suficiente. Fiquei apreensivo, pesaroso e desolado, ver grupos de encantadoras criancinhas, famintas da Verdade Divina, sem ter catequistas que as recebessem generosa e caridosamente, para que, como pessoas de Deus, dessem Deus àquelas almas.

Espero que este mal esteja remediado quando lerdes este Boletim, mas não deixo de o lamentar. Ele denuncia uma falta notória de sentido apostólico, de comodismo e indiferentismo condenáveis.

Outro mal, ainda da parte de catequistas, é a falta de frequência nas reuniões. Se não podemos improvisar catequistas, também devemos reconhecer que o melhor meio para a sua formação serão os cursos e as reuniões.

Por último apontamos, com tristeza, a falta de algumas crianças. Notem este caso, verificado no domingo, dia 20 de Outubro: após a marcação de um grupo de onze meninos, todos pelos dez anos, só dois

(Cont. na pág. 3)

Movimento Religioso

EM OUTUBRO

Baptismos:

Dia 5 - Isabel Maria Marques Ferreira, filha de Manuel José Dias Ferreira e de Maria Dulce Miranda Marques Ferreira, residentes na rua Primeiro de Dezembro.

6 - Paulo José dos Santos Ferreira, filho de José Rodrigues Ferreira e de Maria Isabel Moreira dos Santos, residentes na rua da Nogueira.

20 - Isabel Cristina André de Sá, filha de Manuel Moreira de Sá e de Alzira da Conceição André, residentes na rua de S. João n.º 1.

- Maria do Carmo de Barros Zão, filha de António Martins Gonçalves Zão e de Rosa Gomes Pereira de Barros, residentes na rua Dr. Trigo de Negreiros.

27 - Maria José da Costa Barros, filha de João Marcelino Lima de Barros e de Ana Maria de Barros Costa, residentes na rua Manuel R. Viana n.º 20.

Ação de graças

Refrão da assembleia: *Senhor, dá-nos sempre desse pão!*

- Trabalhar, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará! - Refrão...
- Nossos pais comeram maná no deserto, como está escrito: deu-lhes a comer o pão do céu.
- Disse-lhes Jesus: em verdade, em verdade vos digo: Moisés não vos deu o Pão do Céu, mas meu Pai vos dará o verdadeiro Pão do céu.
- Porque o Pão de Deus é aquele que desce do céu, e dá a vida ao mundo.
- Eu sou o Pão da vida: o que vem a Mim, nunca mais terá fome: o que crê em Mim, nunca mais terá sede.
- Eu sou o Pão da vida: vossos pais comeram o maná no deserto e morreram; este é o Pão que desce do céu, para o que dele comer não morra.
- Eu sou o Pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste Pão viverá para sempre e o pão que eu der é a minha carne para a vida do mundo.
- Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós.
- Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia.
- Porque a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida.
- Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em Mim e eu nele. Quem de Mim se alimentar, viverá por Mim.
- Este é o Pão que desceu do céu: quem comer este Pão viverá para sempre.

OS NOSSOS BENFEITORES

Pelo número anterior ofereceram:

5\$00 - António Martins Zão, Maria Helena Gonçalves, Manuel Barreira, D. Etelvina Barros Lima e anónimo.

2\$50 - Ondina Praia, Manuel Martins Ferreira, D. Júlia Monteiro, D. Elvira Magalhães, Eduardo Viana, Carlos Lima Maciel, António Pilar Ferreira, Manuel da Silva Pinto, Celestina Zão, Armindo Gomes, Dr. Eduardo Regado, Dr. Agostinho Reis e D. Eva Portela.

1\$50 - João Torres, Maria Angélica, Marques Henriques, Tibério, Júlio Amorim, Anália Reis e Manuel Ribeiro Machado.

Sem tempo determinado ofereceram:

50\$00 - D. Maria Amélia de Barros Passos (Angola) e Abel Garcia Cardoso.

20\$00 - Padre José Pires Afonso (Palmeira), António de Sousa Ribeiro (Lisboa), Professores Agostinho N. Gonçalves e Carlos Oliveira Martins.

15\$00 - D. Amélia Barros Lima e José Arménio Losa.

11\$00 - Gracinda Vilas Boas Neto.

— *Cristãos: é dever grave de consciência mandar vossos filhos à catequese.*

A NOSSA VIDA

(Cont. da pág. 2)

responderam presente à chamada, Os restantes faltavam, por motivos vários, todos injustificáveis.

Pais: o problema é vosso. Eu e os catequistas queremos ajudar-vos (não substituir-vos) na educação cristã e religiosa de vossos filhos.

Colaborai em tudo e sempre connosco.

Quando receberdes, semanalmente, a nota das faltas dos vossos filhos à catequese, vêde nisso um despertar da vossa consciência, e dizei SIM ao apelo que vos é feito.

Seja esta a vossa primeira preocupação.

Ficarei a confiar na vossa compreensão e no cuidado que ireis pôr no cumprimento deste primeiro dever que pesa sobre vós.

— *O catequista é aquele que vive e faz viver a vida de Deus.*

O que é a MISSA?

Pela terceira vez vimos falar sobre a missa para juntar mais três respostas às cinco anteriormente apresentadas.

VI—A Missa é uma festa

Porque é uma refeição, a refeição do Senhor, a missa é efectivamente uma festa, pois, toda a refeição tomada em comum é uma festa com os seus instantes de alegria e de repouso.

Jesus Cristo comparou o reino dos céus a um grande festim, onde a alegria nunca está ausente, não tanto pelo comer e o beber, mas antes pela vida em comum. Os que participam num banquete não estão apenas juntos, mas vitalmente unidos, porque têm, de algum modo, a mesma vida, originada na mesma fonte: o mesmo alimento.

No banquete da Eucaristia o alimento é comum: Cristo, e a todos transforma nEle, de tal maneira que fica a haver um só corpo, um só sangue e um só espírito.

Os cânticos da festa ajudam a fazer a unidade da assembleia e a exprimir os sentimentos cristãos da mesma. A missa é uma festa na qual podem servir as artes e os costumes de todos os povos do mundo. Hoje, por exemplo, a «missa Luba» é acompanhada com tambores africanos.

O próprio traje é de festa. E assim, o sacerdote que na rua nos aparece de preto ou cinzento escuro, surge na missa revestido de cores belas e garridas. O mesmo acontece com os acólitos, e até com os fiéis no seu fato «domingueiro».

O lugar da festa é a Igreja, que pode ser simples e pobre, mas não pode prescindir do que lhe dá um tom de festa:—a sua decoração, mobiliário, iluminação, limpeza, etc. Ela é a casa de Deus no meio das casas dos homens.

Cada missa evoca a Ressurreição, a Ascensão e a Glória de Jesus Cristo, por isso, a missa do domingo é uma festa semanal, um antegoço do repouso, da alegria e da glória do Céu.

VII—A Missa é um diálogo com Deus

A missa é um tempo em que se fala. Uma refeição em que se não falasse seria triste, por isso, os fiéis, reunidos em volta da mesa de Deus, conversam com Ele.

A missa consta de duas partes:—1) a celebração da Palavra de Deus, e —2) a celebração da Eucaristia. Na origem, eram duas celebrações diferentes e separadas (juntando-se por volta do ano 150).

Esta Palavra de Deus são todas as palavras que estão na Bíblia ou Sagrada Escritura, dirigidas aos homens de todos os tempos, e que não são letra morta num livro. Esta Palavra de Deus não é lida mas proclamada, pois, é o próprio Deus que nos fala na Epístola e no Evangelho da

missa. O padre exprime, oficial e solenemente, os sentimentos dos fiéis reunidos na Igreja, ou canta, em nome de todos, a alegria dum povo que louva o Senhor. Mas quando o celebrante anuncia que o louvor dos homens se junta ao dos anjos, é necessário que a voz dos fiéis se una à do sacerdote para proclamar o cântico do Céu: Santo, Santo, Santo... Os fiéis não estão inactivos ou mudos, mas cantam e respondem a aplaudir os brindes de louvor ou as preces do sacerdote.

Porque é difícil falar com Deus em assembleia, servimo-nos, para este diálogo, desse livro precioso a que chamamos missal.

VIII—A Missa é uma oferta

O peditório na missa é, por vezes, um gesto incompreendido. Ele é um meio de os fiéis participarem no sacrifício oferecido, de contribuírem para as despesas do culto e trem em auxílio dos necessitados. Outrora essas ofertas eram feitas em géneros, dividindo-se em três partes: uma para os pobres, outra para o clero e a terceira —pequena na quantidade mas nobre pelo seu destino—era o pão e o vinho do Sacrifício. Três vezes por ano, nas temporas, os judeus ofereciam ao Senhor os dízimos (décima parte) do trigo, vinho e azeite que haviam colhido. Esta oferta era uma acção de graças, prescrita pela lei judaica, que dizia assim: Ninguém se apresentará diante de Deus com as mãos vazias; mas cada um dará na medida da bênção que o Senhor seu Deus lhe tiver dado.

Os judeus davam os dízimos, isto é, a décima parte das suas colheitas ou rendimentos, e nós só damos tostões! Nem sei qual é mais fastidioso ou digno de reparo: se aquele que teima em entender tantas vezes o saco (ou a taça), se aquele que aí coloca uma oferta sem relação nenhuma com o custo de vida, com as suas despesas ordinárias, ou com os seus lucros. É inconcebível ver alguém dar \$50 no peditório da missa e dar 50\$00 por um bilhete de futebol ou da tourada!

A oferta que fazemos é feita ao Senhor. Na quantia monetária que oferecemos, o mesmo é dizer, no pão e no vinho que depomos sobre o altar, está todo o trabalho humano. Porque todo o mundo trabalha para este pão e vinho a missa é o grande traço de união entre a condição humana e a cruz de Cristo. É toda a vida que está neste bocado de pão e vinho, e nele é divinizada, de modo que a sua transubstanciação é o coroamento, o resgate e a santificação do trabalho do homem.

Eis porque a recolha destas ofertas (digamos ofertório em vez de peditório) deverá ser feita durante o ofertório da missa, e não depois, nem às portas de saída, nem substituído por colectas mensais. Isso será, talvez, mais lucrativo, mas tira ao ofertório todo o valor religioso e litúrgico.